

## O remédio universal

Especialistas brasileiras descobrem — nos arquivos da Royal Society, a mais tradicional instituição científica inglesa — uma amostra do alkahest, composto que, segundo os alquimistas, teria a capacidade de curar todos os males

» BRUNA SENSÊVE

“ Já se passaram anos desde que enviei ao senhor uma boa quantidade do ludus helmotiano, a partir do qual eu produzi o material sulfuroso que anexo abaixo. Confio na sua sabedoria para entender que efeitos ele produz”, escreveu o alquimista Augustin Boutens em uma carta dirigida ao então primeiro secretário da Royal Society, Henry Oldenberg. Como não houve resposta, é possível que o destinatário nunca tenha aberto a correspondência, datada de 1675. Nesse caso, ele pode não ter visto que o material que acompanhava a mensagem era, segundo Boutens, uma amostra do lendário alkahest, um solvente universal destinado a ser o “grande remédio”, que garantiria a cura para todos os males.

Durante séculos, a busca pelo composto mobilizou alquimistas e filósofos naturais. Agora, em 2012, foi parar nas mãos de duas pesquisadoras brasileiras. À primeira vista, a substância é apenas uma pitada de pó amarelado embalado em um pedaço de papel e colado na correspondência. Foi dessa forma, aliás, que a historiadora inglesa Marie Boas, possivelmente a primeira pessoa a abrir o envelope, a descreveu. “Amostra do que parece ser pirita, anexada ao texto”, anotou, na década de 1960, ao fazer uma pesquisa nos arquivos da Royal Society. Ao abrir o embrulho, no entanto, Ana Maria Goldfarb e Márcia Ferraz, do Centro Simão Mathias, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Cesima PUC-SP), viram que o valor histórico do material era muito maior.

O achado da única amostra do pó alquímico descrita até hoje está narrada na edição deste mês da revista *Pesquisa Fapesp*, mesma publicação na qual, em 2008, elas relataram a descoberta da única receita completa do alkahest, produzida pelo belga Joan Van Helmont, seguidor de **Paracelso**. As duas descobertas foram feitas entre antigos e empoeirados documentos da tradicional instituição inglesa, pioneira na promoção do saber científico moderno, fundada em 1660.

O estudo mais recente traz uma prova concreta da até então obscura relação da ciência com a

### Químico e místico

Paracelso (1493-1541) foi um médico, alquimista, físico e astrólogo suíço. Seu pseudônimo significa “superior a Celso”, em referência ao ilustre médico romano. Ele é considerado por muitos um reformador dos medicamentos. Outros elogiam suas realizações em química e o apontam como fundador da bioquímica. Ao mesmo tempo, ele sempre possuiu uma aura de místico e até mesmo uma reputação de mágico.

filosofia oculta e a magia. Entre a papelada encontrada pelas brasileiras, existem evidências de que homens que ajudaram a elaborar o pensar científico moderno, como o físico e matemático Isaac Newton e o filósofo natural irlandês Robert Boyle, ainda flertavam secretamente com procedimentos e receitas dos alquimistas. Em outras palavras, a revolução científica não aconteceu como uma ruptura, mas sim como uma evolução lenta.

Robert Boyle, por exemplo, teria ficado com um primeiro carregamento de ludus helmotiano — mineral argiloso que serve como base para a receita do alkahest — enviado a Oldenberg por um remetente não identificado. O irlandês aproveitou o fato de o primeiro secretário estar preso, por suas “relações excessivas com o exterior”, e apoderou-se do material. Só mais tarde, por meio de Augustin Boutens, Oldenberg conseguiu um carregamento de 70kg do material. “Descobrimos que Henry Oldenberg não só coordenava as ações da Royal Society como era também um homem de laboratório, que se correspondia intensamente com pessoas no exterior em busca de novidades e dos melhores produtos e receitas, que, geralmente, eram mantidos secretos”, detalha Ana Goldfarb.

### Males da pedra

A primeira menção ao alkahest foi feita na obra *De viribus membrorum*, de Paracelso, que imaginou a criação de um solvente universal capaz de preservar o fígado e até assumir suas funções. Mais

tarde, seu seguidor Van Helmont concluiu em seus experimentos que a dissolução do ludus com o alkahest tornaria possível a criação do remédio capaz de curar todos os males. A primeira substância teria a função de amenizar os efeitos do alkahest, que seria capaz de causar ferimentos ao organismo se ingerido puro.

Tal descoberta era considerada extremamente valiosa na época, porque se acreditava que seria um medicamento capaz de combater os “males da pedra” — cálculos formados na bexiga, nos rins e na vesícula biliar que se configuravam entre a segunda ou terceira maior causa de mortes até o século 19. Mas, se Oldenberg tinha uma descoberta tão preciosa próxima dele, por que não teria aberto o envelope? Foi exatamente essa questão que incomodou as pesquisadoras. “Depois de encontrar essa carta com o envelope dobrado, queríamos saber o que significava no conjunto da Royal Society e por que exatamente não foi respondida. Quisemos saber do que se tratava e reconstruímos a história para entender. Foi assim que chegamos ao Junior”, conta Márcia Ferraz, referindo-se a Francis Mercurius, filho de Van Helmont. “Ele publicou e republicou diversas obras do pai e, sabemos hoje, que também negociava alguns importantes segredos de Van Helmont. Ele mesmo teria dado amostras do ludus helmonti para diversas pessoas na Inglaterra.”

Em especial, Junior teria dado o ludus a um experimente homem de laboratório chamado Ezekiel Foxtrot, amigo e colaborador de Isaac Newton. Newton recebeu o material e também o passou adiante para as mãos do naturalista John Woodward. Tudo isso, na mesma época em que Boutens mandou sua carta com o material sulfuroso ao primeiro secretário da Royal Society. “Oldenberg nem respondeu Boutens porque tinha alguém, o Junior, para mostrar tudo a ele”, conclui Ferraz.

[www.correiobraziliense.com.br](http://www.correiobraziliense.com.br)



Leia entrevista com a pesquisadora Ana Goldfarb